



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR ENTRE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna de Araujo VILA; Vivian Lidiane da Silva MELO¹; Jaqueline Batista de Oliveira COSTA²

1. Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência pela Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Ciências Humanas, curso de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia – PIBID/UFGD/FCH.
2. Professora Coordenadora de Área do Sub-projeto PIBID – Psicologia da UFGD.

RESUMO

O presente relato de experiência objetiva apresentar um trabalho realizado em uma escola pública, com alunos do 6.º ano do ensino fundamental. Tivemos como objetivo propor um ambiente reflexivo sobre a indisciplina e a ética no contexto escolar. Para isso elaborou-se uma oficina com o seguinte tema: *“Eu e o outro: construindo e cultivando a reciprocidade, tolerância, cooperação e o respeito mútuo”*. Esse trabalho supracitado é uma das propostas do sub-projeto “aulas de Psicologia: temas e práticas da licenciatura em psicologia em contexto escolar”, desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, cujo objetivo é a articulação entre o ensino superior (cursos de licenciaturas) e o incentivo do magistério no ensino público. A escolha por essa temática justifica-se em razão das observações realizadas na sala do 6.º ano, nas quais se evidenciaram a prevalência de comportamentos desrespeitosos, pouco cooperativos e intolerantes. A falta de respeito dos alunos, também atinge ao professor, acontecendo situações de xingamento e pouco envolvimento nas atividades. Considerando tais comportamentos imprescindíveis para uma melhor harmonização na sala de aula e

aprendizagem mais efetiva, por meio dessas aulas, os objetivos traçados foram: i) trabalhar de forma reflexiva as questões que envolvem o cotidiano escolar e extraescolar, discutindo sobre a importância do respeito mútuo, juntamente com a tolerância ao próximo e a cooperação; ii) elaborar dinâmicas que incentivem o reconhecimento do respeito, tolerância e cooperação como valores fundamentais a qualquer interação humana e iii) propor discussões grupais sobre a prática desses valores dentro e fora do contexto escolar.

Palavras-chave: Ética; Formação de professores; exercício do magistério.

INTRODUÇÃO

A indisciplina tem sido considerada como um dos grandes desafios e obstáculos ao processo de ensino e aprendizagem na escola. Embora alguns estudos discutam o conceito e os motivos que levam à indisciplina, muitos educadores continuam despreparados para lidar com essa situação. Tognetta e Vinha (2009) afirmam que em muitos casos os professores agem de maneira intuitiva e improvisada para resolver os conflitos envolvendo comportamentos indisciplinados em sala de aula.

Para compreender a indisciplina convém, antes, definir o que é disciplina. Parrant-Dayan (2008) destaca que a disciplina pode ser considerada como o ato de submissão a um conjunto de regras e obrigações definidas por determinado grupo social. Tais regras podem ser seguidas de sanções caso não sejam cumpridas. Nesse caso, muitas vezes a disciplina estabelecida é cumprida pelo medo do castigo e pela recompensa decorrente da obediência.

Nessa perspectiva, o aluno indisciplinado é aquele que não apresenta conduta adequada em relação às regras explícitas e implícitas da escola e da sociedade. Sabemos que o respeito às regras é necessário, em qualquer tipo de relação social, todavia este respeito não deve resultar de uma atitude pautada no medo da punição.

Vasconcellos (1997) entende disciplina como “(...) o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão

dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo” (1997, p. 247).

Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 331) entendem disciplina como “o modo de ensinar caráter, autocontrole e comportamento aceitável às crianças. A disciplina pode ser uma poderosa ferramenta de socialização”. Essa concepção deixa claro que a disciplina pode ser aprendida e transmitida pela família e pela escola, que tem a função social de transmitir valores aos seus alunos, contribuindo para sua formação ética.

Alguns autores destacam que a indisciplina resulta da perda e do esmaecimento de valores como *a solidariedade, o respeito, a tolerância, o diálogo, o companheirismo*. Nesse sentido, caberia a família e a escola unirem forças na educação em valores das novas gerações.

Piaget (1994) defendia que o convívio social da criança, desde pequena, contribui significativamente para a construção de valores morais desejáveis. Todavia, para o autor, tais valores não são absorvidos passivamente, pois o sujeito tem um papel ativo na construção de seus valores e normas de conduta. Assim, é na interação do sujeito com o meio ambiente e não simplesmente sob a influência desse, que os valores são construídos. Será durante a convivência diária, desde pequena, com os adultos, na escola, na família e na sociedade, experimentando e agindo que a criança construirá seus valores, princípios e normas.

Ainda segundo Piaget (1994), não é por meio de “lições morais” que a criança construirá valores, pois ninguém ensina o outro a agir desta ou daquela maneira e a seguir esta ou aquela regra moral. Mas, é na troca de experiências que a criança irá internalizar valores que lhe serão significantes, de acordo com os seus princípios.

Menin (2002), fundamentada nos estudos de Piaget, destaca que a educação moral deve ser orientada por alguns princípios fundamentais, tais como a justiça, a dignidade, a solidariedade e o respeito mútuo entre as pessoas, dessa forma seria possível a formação autônoma dos indivíduos. Ainda de acordo com Menin (2002) não haveria lugar para certezas na educação moral, mas as dúvidas podem ser sempre discutidas.

As dúvidas podem e devem ser sempre discutidas, dessa maneira podemos construir uma educação igualitária, justa e democrática. A educação bancária discutida e criticada por Paulo Freire (1987) ainda se faz presente em muitas

instituições de ensino, assim como a relação de oprimido e opressor, presente em muitas das relações dentro e fora das escolas.

A escola tem sido tradicionalmente considerada como espaço social, também, responsável pela construção da autonomia intelectual e moral dos jovens. Valores como a justiça, a tolerância, o respeito e a solidariedade têm sido frequentemente enfatizados nos projetos políticos e pedagógicos dessa instituição. Porém, embora preconizem tais objetivos, nem todas trabalham nessa direção (TOGNETTA, 2009).

De acordo com Moreira (2011) a educação constitui um “trabalho não-material”, portanto, na escola se produziram ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades, tratando-se especificamente de uma produção do saber.

Vejam bem: eu disse saber sistematizado; não se trata, pois, de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular (SAVIANI, 1997, p. 19 apud MOREIRA, 2011 p. 51-52).

Proporcionar ao aluno um ambiente propício à aprendizagem e desenvolvimento de suas habilidades é fundamental no ambiente escolar, assim como fazer com que esse aluno se interesse pelo novo, pelo encoberto, porque a reflexão sobre nossas atitudes e sobre o mundo que nos cerca é essencial.

Segundo Ferrero e Araújo (2010) a escola acaba construindo sujeitos não críticos por ser autoritária, o que distorce completamente seu objetivo central como instituição de ensino.

A definição de ambiente escolar [...] inclui a participação e responsabilização dos estudantes pela vida escolar, a sua relação com professores e colegas, e a continuidade entre a vida familiar e a vida escolar. Como os jovens passam a maior parte do seu tempo na escola, essa tem de ser considerada um cenário chave para intervenções destinadas a promover o bem-estar dos alunos (Matos & Carvalhosa, p.45 2001).

Um estudo realizado por Samdal (1998 apud MATOS & CARVALHOSA 2001) detectou que o fator mais importante com relação à satisfação no ambiente escolar é a percepção por parte dos alunos de serem tratados com justiça, de se sentirem seguros na escola, de acharem que seus professores e colegas são fontes de ajuda e apoio.

A escola é mais que uma instituição de ensino, é o ambiente onde a criança vai começar a socializar-se com o mundo, compreender e aprender novas culturas, crenças, valores... A escola deve formar e instigar seus alunos, além de ter um papel acolhedor e de pertença a um determinado grupo. Sentimento de pertença e estimulação a práticas de leitura estão intimamente relacionados. Nós nos empenhamos em prol de algo que nos acrescente, que nos dê sentido e principalmente que nos valorize.

Alguns estudos recentes, como por exemplo, os de Vinha (2003); Tognetta (2003) têm destacado que o desenvolvimento moral está relacionado à qualidade das interações que se estabelecem nos ambientes sociais.

A escola, além de outros, constitui um desses ambientes que, inevitavelmente, influencia de modo significativo na formação moral das crianças e adolescentes. Para essas autoras, quanto mais cooperativo for o ambiente escolar, maior o desenvolvimento da autonomia, e, quanto mais autoritário, maiores os níveis de heteronomia. Se as relações sociais forem essencialmente assimétricas, nas quais alguns mandam e outros obedecem, a moral heterônoma prevalece (LA TAILLE, 2006).

Dessa forma, o exacerbado e frequente controle externo da escola, assim como de outras instituições sociais, não favorecem o desenvolvimento moral. De modo semelhante, as ações punitivas constituem como reforço para que a criança e/ou o adolescente permaneça no estado de heteronomia moral, impedido-as de se desenvolverem em direção à autonomia.

Por outro lado, se as relações forem simétricas, baseadas na reciprocidade e na cooperação, a moral autônoma pode nascer e desabrochar. Para Piaget (1994), a cooperação é fator imprescindível para o desenvolvimento cognitivo e moral.

Todavia, o que ocorre frequentemente é que, no cotidiano das escolas, os adultos utilizam procedimentos autoritários, sob pena de punições que levam as crianças, os adolescentes e os jovens a se submeterem a esses porque uma autoridade (diretor, professor, etc.) assim o quer ou sabe o que é melhor para elas e para a instituição (TOGNETTA, 2009).

Tais procedimentos autoritários, que resultam em punição decorrente da desobediência, podem estabelecer uma rede de tensões e conflitos interpessoais no espaço escolar, que, se ignorada, pode eclodir em forma de indisciplina e violência.

O ambiente escolar cujas relações interpessoais são simétricas, baseadas na reciprocidade e na cooperação, não pressupõe a ausência de conflitos. Os conflitos de diferentes naturezas são inevitáveis em todos os lugares onde a interação social e o trabalho em equipe é valorizado. Eles são essenciais e constitutivos do desenvolvimento social das crianças e adolescentes, pois os preparam para vida em sociedade, para as relações que irão estabelecer ao longo de sua vida social.

Nesse sentido, acreditamos que os conflitos provenientes dos comportamentos indisciplinados dos alunos mostram-se como oportunidades para que valores como o respeito, a solidariedade, a cooperação, entre outros, sejam trabalhados.

Fundamentadas nesses pressupostos teóricos iniciamos nossas atividades no programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência pela Universidade Federal da Grande Dourados (PIBID). O PIBID/Psicologia tem como objetivo colaborar com a formação inicial dos alunos de licenciatura em Psicologia, proporcionando a estes o contato e a vivência de experiências interventivas no contexto da escola de Educação Básica. Espera-se contribuir para a melhoria da formação dos graduandos de Psicologia, possibilitando-lhes a relação teórica/prática e despertando nestes o interesse pelo exercício da docência.

Como bolsistas iniciantes no Pibid fomos encarregadas de realizarmos nossas atividades de iniciação a docência na Escola Estadual Pastor Daniel Berg, situada na cidade Dourados, Mato Grosso do Sul e supervisionadas por um membro do corpo docente da escola.

Primeiramente, buscamos conhecer mais profundamente o ambiente escolar observando-o durante as quartas-feiras matutinas, assim como também as salas que teriam maior necessidade de uma intervenção diferenciada. Tais observações tiveram como objetivo identificar a demanda que as salas de aula apresentavam. Além das observações buscamos considerar as necessidades da instituição na qual estávamos inseridas.

Após conhecermos as salas e os alunos decidimos, junto com o supervisor, que começaríamos nosso trabalho na 6.^a série do período matutino. Os encontros foram realizados durante as quartas-feiras – dia destinado as nossas atividades do PIBID -, e teríamos uma aula de 50 minutos para a realização de nossas atividades.

A 6.^a série foi escolhida por apresentar um histórico marcante de indisciplina, desrespeito, tanto para com o corpo docente quanto entre os alunos que compunham

a sala. Após a escolha da série decidimos em conjunto que o tema a ser abordado durante as aulas, teria que compreender as necessidades daqueles estudantes e também do corpo docente escolar, logo o tema escolhido foi: *“Eu e o outro: construindo e cultivando a reciprocidade, tolerância, cooperação e o respeito mútuo”*.

Tivemos um total de quatro encontros com a 6.^a série, com duração de 1 hora/aula, ou 50 minutos. Os temas trabalhados durante as oficinas foram: Respeito, Tolerância e Cooperação.

A disponibilidade de aulas foi conversada com o supervisor e professores que se dispuseram a ceder algumas aulas durante as quartas-feiras. Todavia, foi feito um revezamento nos horários, de forma que não prejudicássemos o andamento do cronograma da turma. Também nos adequamos ao calendário escolar, respeitando períodos de provas e participando de cursos de formação de professores e datas comemorativas.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização das oficinas na 6.^a série, utilizamos alguns materiais simples, tais como: balões, balas, lenços, papéis, canetas e colchonetes. Durante os quatro encontros foram realizadas as seguintes atividades: 1º encontro: dinâmica do balão (objetivo: trabalhar o Respeito, Tolerância e Cooperação); 2º encontro: “o feitiço vira contra o feiticeiro” (objetivo: não fazer com o outro o que não gostaríamos que fizessem conosco e a importância do respeito); 3º encontro: “abra a bala sem usar as mãos” e “telefone sem fio” (objetivo: trabalhar a cooperação); 4º encontro: encerramento (revisão de todos os conceitos trabalhados ao longo dos encontros).

No primeiro dia foi realizada a dinâmica do balão cujo objetivo foi trabalhar com os valores Respeito, Tolerância e Cooperação. Fizemos uso de: balões de festa, um lenço que serviria como venda, pequenos pedaços de papel introduzidos dentro dos balões com as palavras a serem trabalhadas e colchonetes, para que pudéssemos nos sentar em círculo na quadra da escola.

Neste dia, dividimos a sala em três equipes, pedimos a um voluntário de cada equipe que procurasse com os olhos vendados o balão que foi escondido ao redor da

quadra, sendo que cada balão seria destinado a uma equipe. Os alunos com os olhos vendados teriam o auxílio dos colegas de equipe para ajudá-los a encontrar os balões. Dentro desses balões teriam um papel escrito com as palavras: RESPEITO, TOLERÂNCIA E COOPERAÇÃO.

Após acharem os balões, todos deveriam sentar-se nos colchonetes e estourarem os balões. Nesse momento discutimos o que o grupo entendia pela palavra escrita dentro de seu balão, pedindo que eles exemplificassem situações do cotidiano escolar que remetem a esses conceitos. O intuito dessa atividade era conhecer a opinião e ponto de vista de cada aluno sobre o tema.

No segundo dia realizamos a dinâmica “o feitiço vira contra o feiticeiro” cujo objetivo era trabalhar a importância de não fazer com o outro o que não gostaríamos que fizessem conosco e a importância do respeito. Para a realização da atividade, pedimos aos alunos que escrevessem em um pedaço de papel algo que desejassem que um amigo fizesse. Dessa maneira pretendíamos trabalhar a questão do respeito mútuo, pensar antes de desejar, e se colocar no lugar do outro, e principalmente incentivar a reflexão em nossas atitudes diárias.

No terceiro dia pretendíamos trabalhar o tema Cooperação e para isso realizamos a dinâmica: “abra a bala sem usar as mãos” e “telefone sem fio”. Para a realização da dinâmica da bala, levamos um pacote de bala a sala de aula, distribuímos as balas entre os alunos e pedimos que eles abrissem a bala sem usar suas próprias mãos. Para a nossa surpresa, quase todos os alunos conseguiram abrir a bala com a própria boca e nenhum deles pediu ajuda ao colega, que seria o foco da dinâmica, ao mesmo tempo em que fugiram do ponto central esperado, mostraram bastante disposição e força de vontade ao conseguirem abrir de fato a bala sem usarem as mãos.

Depois da dinâmica da bala, fomos até a quadra para a dinâmica do “telefone sem fio”, nos organizamos em fileira e um aluno de uma ponta da fileira passava uma informação para os demais. A informação deveria estar intacta ao final da fileira, quando o último a recebê-la contaria o que escutou. Quase sempre a informação era distorcida, chegava ao final totalmente modificada, com esse dado trabalhamos novamente a importância da cooperação para que as coisas ocorram como o planejado, porque ajudando um ao outro talvez não haja distorções e mudanças drásticas e repentinas no decorrer do caminho.

No último e quarto encontro, realizamos o encerramento de nossas atividades na 6.^a série, para isso levamos até a sala um pedaço de papel, pouco maior que uma cartolina e canetas de desenho, pedimos aos alunos que desenhassem ou escrevessem sobre o que aprenderam durante nossos encontros, eles poderiam escrever o que desejassem naquele papel, dessa forma faríamos uma avaliação dos avanços dos alunos ao longo dos encontros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O programa do PIBID promove uma articulação entre os cursos de ensino superior e o ensino básico, incentivando e preparando os licenciando para o magistério. Trata-se de uma grande oportunidade para quem deseja ingressar e conhecer mais profundamente o cotidiano escolar.

As mudanças nas salas de aulas que acolhem o programa são ditas como satisfatórias e positivas tanto para os alunos, quanto para os docentes. Conhecer a sala de aula, ou mais precisamente, conhecer cada um daqueles que a compõem é uma experiência única.

As atividades propostas e realizadas em sala de aula foram bem aceitas pelo corpo docente, assim como também pelos alunos que nos receberam calorosamente e se mostravam sempre entusiasmados com um novo encontro.

No início dos encontros, logo em nossa primeira roda de conversa, quando buscávamos identificar o que os alunos compreendiam como: Respeito, Tolerância e Cooperação, algumas respostas denunciavam suas concepções sobre esses temas. Vejamos;

“Acho que respeito é você respeitar o outro, não jogar lixo na sala e nem bater no colega”; “Tolerância é quando você sente vontade de bater e não bate”; “Cooperação é ajudar o outro né?!”.

A todo o momento, durante as atividades realizadas, os alunos pronunciavam cada uma dessas palavras e demonstrava compreender que cada uma delas representa. Contudo, apesar de entenderem a importância do respeito, tolerância e cooperação, quando questionados se de fato praticavam tais ações, muitos deles revelavam que não, embora reconheçam sua importância.

A sala, que teve um histórico marcado por indisciplina, de fato se revelou uma turma bastante indisciplinada. Em alguns momentos, quando conversávamos com eles, a tentativa de apresentar nossa proposta de trabalho se tornou tarefa extremamente difícil, pois bolinhas de papel voavam pela sala constantemente. Todavia, ao longo de nossos encontros observamos grandes avanços, como, por exemplo, os alunos passaram a recolher a bagunça de papéis que eles faziam na sala ao término das atividades. Faziam isso seguindo nosso exemplo, pois observaram que fazíamos isso sempre, antes de deixá-los.

Também a comunicação foi ficando mais fluida ao longo do processo. Aprender a escutar não é tarefa fácil, principalmente aos 13 anos de idade, mas compreendemos que éramos nós que precisávamos escutá-los, em sua singularidade, pois eles trazem consigo ricas histórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de trabalharmos os temas Respeito, Tolerância e Cooperação na 6.^a série do período matutino em quatro encontros, levamos a sala algumas dinâmicas que chamassem a atenção dos alunos, ao mesmo tempo em que fossem divertidas e os provocasse alguma reflexão.

Com um histórico marcante de indisciplina a sala nos acolheu calorosamente e também nos mostrou o motivo de amedrontarem muitos professores, o que não nos causou muito espanto, pois queríamos ouvi-los e compreendê-los, assim como também desejávamos que eles compreendessem a importância dos temas que iríamos abordar.

Somos movidos e aprendemos muito mais observando atitudes e reproduzindo-as do que escutando sermões e lições de moral. A probabilidade de nos escutarem quando os escutamos é maior, a probabilidade de não sujarem o ambiente escolar quando reconhecem o trabalho de limpar tudo aquilo também se faz presente. Ao observarem que recolhíamos os papéis jogados no chão da sala, eles também começaram a recolhê-los, nos ajudando todo final de aula.

Esses quatro encontros nos renderam boas experiências e a convicção de que o contato com os alunos é um momento rico, onde ensinar e aprender são parte de

um mesmo processo. Trata-se de uma relação de troca, na qual a aprendizagem é mútua e acontece o tempo todo. Se realizado em um prazo maior de encontros, possivelmente nos aproximaríamos mais da turma e nossas conversas passariam a ser mais abertas e participativas, uma vez que o vínculo seria maior.

Trabalhar com a questão de se colocar no lugar do outro é sempre bem-vinda e garante bons frutos e boas reflexões principalmente para uma turma de 6.^a série, onde valores estão se formando, assim como a opinião crítica de cada um deles. O tema garantiria dinâmicas ricas e favoreceria o sentimento de “estar no lugar do outro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRO, Juliane Pivetta e ARAÚJO, Elson Luiz de. **Algumas reflexões sobre o fenômeno da violência escolar. Interfaces da educação.** Paranaíba v. 1 n. 2 p. 69-78 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_do_oprimido.pdf>

LA TAILLE, Y. de. **Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas.** Porto Alegre, Artmed, 2006.

MENIN, Maria Suzana De Stefano. **Valores na escola**, art. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11657.pdf>>

MATOS, Margarida Gaspar de; CARVALHOSA, Susana Fonseca. **A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar.** Psic., Saúde & Doenças, Lisboa, v. 2, n. 2, nov. 2001. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862001000200003&lng=pt&nrm=iso>.

MOREIRA, Adriano. **Educação escolar e transformação social.** Revista faac, Bauru, v. 1, n. 1, p. 47-57, abr./set. 2011.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: AMGH, 2006.

PARRANT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo, SP: Contexto, 2008.

PIAGET, J. **O Juízo Moral da Criança.** São Paulo: Summus, 1994.

TOGNETTA, L. C. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras/FAPESP, 2003.

TOGNETTA, L. C. R. P; VINHA, T. P. **Construindo a autonomia Moral na escola: os conflitos Interpessoais e a aprendizagem dos valores.** Rev. Diálogo Educação. Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os Desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola.** In: *Idéias* (n. 28). São Paulo: FDE, 1997.

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa.** 2003. 430 p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade Estadual de Campina – UNICAMP, Campinas, SP.